



Morte assistida

► A passagem precoce de Bolsonaro faz mal a Lula

Não é bem uma eutanásia. A morte assistida, geralmente por um profissional de saúde (nos países em que é autorizada pela lei), é o ato ou procedimento intencional que visa proporcionar a alguém uma morte indolor, para aliviar o sofrimento causado por doença incurável e excruciante. Não me parece que o conforto de Jair Bolsonaro seja a maior preocupação. A questão, contudo, é o tempo. É que morte sem hora marcada pode ter consequências adversas.

Antes que digam que este artigo faz apologia da violência e caracteriza uma ameaça à integridade física e à vida do presidente da República, é bom que se esclareça o óbvio (porque, no Brasil, o óbvio é enigma): eu me refiro à violência simbólica e à morte política, aliás, uma morte transitória, para fins eleitorais, porque não me parece que o bolsonarismo vá desaparecer tão cedo da face da Terra. E nesse sentido este artigo é mesmo um alerta sobre os riscos de esforços demolitórios incontidos, da concertação homicida (com armas providas pela própria vítima) para sepultar as chances de Bolsonaro em 2022.

A mídia, em especial as Organizações Globo (mas também importantes veículos do jornalismo escrito, como a *Folha de S. Paulo* e agora também o *Estadão*), juntou-se ao centro, que no Brasil é composto de representantes do grande capital,

que leram ao menos um livro, mas não muito mais que isso, e que não se confundem com o Centrão (uma horda de espíritos obsessores dedicados à rapinagem e à usurpação), para dar cabo de Bolsonaro. Ele, por sua vez, ajudou a ressuscitar Lula, cujos direitos políticos foram, ao menos por ora, restituídos. E o fez apostando na polarização, na narrativa do absurdo que, por aqui, vibra na frequência dos muitos milhões de “tios do pavê” e das “donas de bobs”, gente para a qual o morticínio patrocinado pela omissão bolsonarista se justifica à afirmação do direito de ir e vir e pela necessidade de preservar a nossa colossal economia.

Ao que parece, esse consórcio de sicários tem trabalhado bem. Os números que surgem das pesquisas qualitativas sobre o presidente demonstram a sua senectude política precoce. As invectivas do gabinete do ódio não têm se mostrado capazes de anestesiá-los *minions* arrependidos e aterrorizados pela asfixia iminente, à míngua de tubo, de remédios e de vacinas.

Lula, cada vez mais assanhado, arranca suspiros da militância (que perdeu definitivamente o senso crítico), diz que tem “um tesão de 30 anos”, fala como candidato e acena para seus algozes, a elite que o colocou em cana, para assegurar que a perdoou e que pode confiar nele. Não fez e não fará exame de consciência, petrificou-se como vítima inofensível dos abusos da Lava Jato e esqueceu que nas contas de funcionários de segundo escalão da Petrobras se encontravam centenas de milhões de dólares, fruto de um esquema de corrupção que aconteceu debaixo da sua barba, aliás, cada

vez mais curta e alinhada. Essas mesmas pesquisas mostram que Lula, se as eleições fossem hoje, ganharia de Bolsonaro, para desespero do próprio presidente, que exagerou na dose do remédio (Lula na veia), e do centro que tem planos de emplacar candidato próprio, sob a lógica da moderação depois do caos, envenenizada por promessas de filantropia e de combate à desigualdade que ele – precisamente o centro – causou.

Dois movimentos se seguiram a esse estado de coisas. Bolsonaro agora vive de máscara, ligou para Vladimir Putin e contratou – com muito atraso – mais de 500 milhões de vacinas, ainda que se oponha ao *lockdown*. Enfim, foi gourmetizado, mas continua o mesmo. O centro e os seus mentores intelectuais, ainda em busca de um candidato para chamar de seu, intensificaram os ataques ao presidente para depositar nele toda a culpa (em grande medida merecida) pelas 4 mil, quase 5 mil mortes ao dia.

Se Bolsonaro desfalecer antes do tempo, pode chegar às eleições do próximo ano tão desgastado que viabilize um candidato de centro, preferível a Lula, aos olhos das elites. Essa morte precoce do capitão poderá tirá-lo do segundo turno das eleições e opor Lula a um candidato mais forte do que Bolsonaro, que não ostente as mesmas cicatrizes dos políticos mais experientes. Ou, pior, se a coleirinha do Centrão se romper, um improvável *impeachment* poderá acontecer, com Mourão para embaralhar de vez o contexto eleitoral.

Há que se dosar bem a estricnina. •
redacao@cartacapital.com.br